

DYNAMIC STEWARDS

stewardship.adventist.org

OUTUBRO – DEZEMBRO de 2021 VOL. 24, NO. 4

RIQUEZA CRESCENTE

ABENÇOADO
PARA SER
UMA BÊNÇÃO

CONTEÚDO

O MAIOR, O MELHOR, O MAIS COMPLETO E SEMPRE MAIS

P. 04

GERALD A. KLINGBEIL

ÉTICA NO TRABALHO

P. 08

MARIE-ANNE RAZAFIARI ARIVONY

EMPREENDEDORISMO CRISTÃO

P. 10

CARLOS BIAGGI

CHAMADOS PARA INVESTIR

P. 12

SCOT T. COPPOCK

REAVALIANDO A PROSPERIDADE

P. 14

DIEGO BARRETO

UM CANAL DE BÊNÇÃOS

P. 16

CHRIS NAIDOO

O TIPO DE OFERTA MAIS NECESSÁRIO

P. 20

MARCOS FAIOCK BOMFIM

CONFIANÇA: UM ACELERADOR

P. 22

ANIEL BARBE

04



08



10



16



PRIMEIRO DEUS
MINISTÉRIO DE MORDOMIA CRISTÃ

DEMAIS EDITORES CONTRIBUINTES

ECD	William Bagambe
ESD	Vladimir Petrovich Romanov
EUD	Ioan Cămpian Tatar
IAD	Roberto Herrera
NAD	Michael Harpe
NSD	NakHyung Kim
SAD	Josanan Alves, Jr.
SID	Mundia Liywalii
SPD	Julian Archer
SSD	Jibil Simbah
SUD	S. Paulmoney
TED	Maureen Rock
WAD	Jallah S. Karbah, Sr.
MENA	Amir Ghali
IF	Julio Mendez
CHUM	Andy Chen

PERMISSÃO

A Mordomo Dinâmico (Dynamic Steward) concede permissão para qualquer artigo (não uma reimpressão) ser impresso para uso nas igrejas locais, como pequenos grupos, Escola Sabatina ou sala de aula. Deve ser atribuído o seguinte crédito: Utilizado mediante autorização da Mordomo Dinâmico. Copyright © 2021. Deve ser obtida uma autorização por escrito para qualquer outro uso.

NOTA DO EDITOR

Os artigos desta publicação foram revisados para o público pretendido e a natureza da Mordomo Dinâmico. Salvo indicação em contrário, a Nova Versão Internacional da Bíblia é usada.

AVISO LEGAL

O conteúdo ou opiniões expressas, implícitas ou incluídas ou ainda quaisquer recursos recomendados são apenas os dos autores e não os dos editores da Mordomo Dinâmico. Os editores defendem, no entanto, estes recursos com base em suas ricas contribuições para a área do Ministério da Mordomia Cristã e acreditam que os leitores aplicarão as suas próprias avaliações críticas à medida que fizerem uso deles.

A MORDOMO DINÂMICO é publicada trimestralmente pelos Ministérios da Mordomia Cristã da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia®.

DIRETOR: Marcos Bomfim

DIRETOR ASSOCIADO: Hiskia Missah

DIRETOR ASSOCIADO: Aniel Barbe

ASSISTENTE EDITORIAL SÊNIOR:

Johnetta B. Flomo

EDITOR DA MORDOMO DINÂMICO:

Aniel Barbe BarbeA@gc.adventist.org

EDITOR ASSISTENTE:

Johnetta B. Flomo FlomJ@gc.adventist.org

ASSISTENTE EDITORIAL:

Alan Hecht HechtA@gc.adventist.org

LAYOUT & DESIGN:

Trent Truman TrumanStudio.com

Entre em contato: 12501 Old Columbia Pike

Silver Spring, MD 20904 USA

Tel: +1 301-680-6157

gcstewardship@gc.adventist.org

www.facebook.com/GCStewardshipMinistries

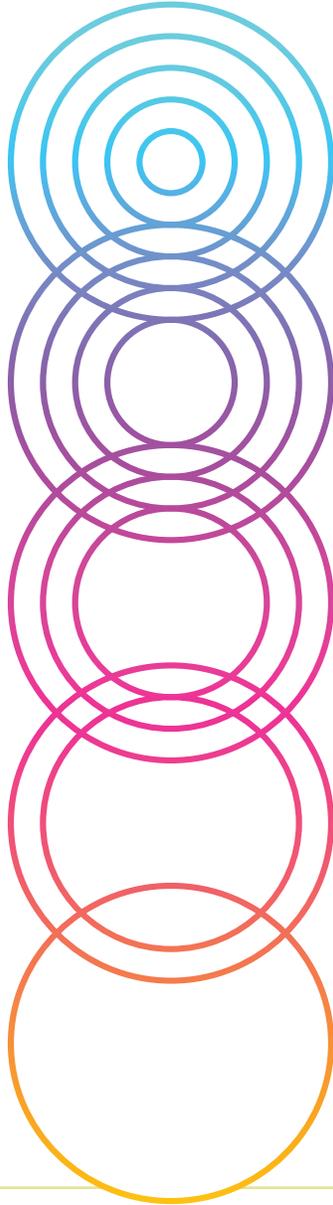
www.issuu.com/Dynamicsteward

UMA MENTALIDADE DE CRESCIMENTO

Alguns anos atrás, ao ler o relato de Ellen G. White sobre a parábola dos talentos, fiquei impressionado com estas palavras:

“O desenvolvimento de todas as nossas faculdades é a primeira obrigação que devemos a Deus e a nossos semelhantes. Ninguém, que não esteja crescendo diariamente em capacidade e utilidade, estará cumprindo o propósito da vida. Fazendo profissão de fé em Cristo, comprometemo-nos a tornar-nos tudo quanto nos seja possível, como obreiros, para o Mestre, e devemos cultivar cada faculdade ao mais elevado grau de perfeição, para que possamos fazer o maior bem que formos capazes de realizar”¹.

Deus nos considera responsáveis não apenas pelo que fazemos e temos, mas também pelo que poderíamos ter feito e tido. Os cristãos são chamados a desenvolver suas capacidades e competências para serem elevados aos níveis mais altos da sociedade. Esse é o tema principal desta edição do *Mordomo Dinâmico*. A mensagem da mordomia sempre abrangeu um componente de riqueza crescente por meio do princípio da reciprocidade: devolva o dízimo e dê ofertas, e Deus multiplicará seus recursos (Pv 3:3, 9; Mt 3:10). Existem inúmeras evidências bíblicas dessa convicção. No entanto, continua a existir uma concepção estreita sobre o que significa riqueza crescente. De acordo com a Bíblia, a riqueza vem do trabalho fiel e diligente (Pv 13:4). Nossos colaboradores analisam este importante componente de uma vida frutífera.



Getty Images

Expansão e crescimento
fazem parte do plano de Deus
para os Seus filhos.

Aumentar a riqueza para que haja uma sociedade mais sólida com Deus exige que desenvolvamos uma perspectiva de crescimento. Primeiro, devemos mudar para uma mentalidade de crescimento: aquilo que recebemos ao nascermos não é algo que não podemos mudar em um determinado estágio de nossa vida. Expansão e crescimento fazem parte do plano de Deus para os Seus filhos. Em segundo lugar, é importante canalizar atenção e energia para as matérias-primas da vida, e não para o produto final. Quando nos concentramos nos recursos materiais que temos, ou, mais frequentemente, os que não temos, podemos facilmente ficar frustrados ou paralisados pela síndrome do bolso vazio. Em contraste, a Bíblia declara que Deus nos deu “forças para conseguir riquezas” (Dt 8:18). Nossa tarefa diária é usar e aprimorar essas habilidades, a saber, saúde, talentos, habilidades, energia, tempo e muito mais. O resultado natural será o crescimento. Finalmente, tudo tem a ver com o propósito da vida. Muitos já estão produzindo riquezas abundantes usando as habilidades dadas por Deus, mas estão servindo apenas a si mesmos. O aumento da riqueza de uma maneira – e com um motivo – que agrada Àquele que é o Dono de tudo só pode ocorrer dentro do contexto da mordomia cristã.

Conforme você desfruta e compartilha com outros a nossa revista, a equipe do *Mordomo Dinâmico* reivindica esta promessa para você e para aqueles que você serve: “Deus pode tornar abundante em vocês toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, vocês sejam abundantes em toda boa obra” (2Co 9:8). 🍀

Aniel Barbe, Editor

¹Ellen G. White, *Parábolas de Jesus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000), p. 174.

O MAIOR, O MELHOR, O MAIS COMPLETO, E CADA VEZ MAIS

GERALD A. KLINGBEIL

Vivemos em um mundo absorto com tudo o que seja o maior, o melhor, o mais completo, e cada vez mais de tudo isso. Podemos ver essa mentalidade nos esportes profissionais, nas salas de reuniões, na indústria do entretenimento, e, às vezes, até nas igrejas. O consumismo penetrou em todos os aspectos da cultura. Pode ser que tenhamos até sido vítimas dessa mentalidade. Em algumas partes do mundo, a riqueza e a abundância são tidas como certas. Em outras partes, o único foco é a luta pela sobrevivência. Ouvimos muitas vezes proclamando as bênçãos do evangelho da prosperidade. Nessa maneira de ver, a riqueza é o resultado de um relacionamento transacional entre o crente e Deus. Damos uma oferta a Deus (e andam pregando essa perspectiva por aí) e temos a certeza de que receberemos muito mais em retorno. *Minha oferta em troca da bênção divina* parece ter se tornado um modelo de negócios sólido bastante confiável. Mas seria bíblico esse modelo? Como a Bíblia se relaciona com riqueza e prosperidade? Qual é a relação entre riqueza e missão? Finalmente, como a riqueza e a prosperidade afetam nossa compreensão sobre quem é Deus?¹

NO PRINCÍPIO

Para encontrar respostas a essas perguntas, devemos começar no Éden, no tempo e lugar onde tudo começou. Os termos “beleza” e “abundância” descrevem com precisão a perfeita criação de Deus, conforme lemos em Gênesis 1-2.

Tudo era “muito bom” (Gn 1:31) – e isso quer dizer também que tudo era abundante e copioso. Adão e

O que riquezas têm a ver com a missão?

Eva foram os mordomos de Deus (v. 28) que representaram o Mestre Arquiteto ao darem nomes e cuidarem dos animais e das plantas. As plantas forneciam um suprimento generoso de alimentos tanto para a humanidade quanto para o mundo animal. A morte era desconhecida. Mas a entrada do pecado mudou tudo – ou, talvez, quase tudo. A dúvida e a desconfiança começaram a penetrar em todos os relacionamentos, afetando animais e humanos. Depois que Adão e Eva tiveram que deixar o Éden (Gn 3:23, 24), a vida virou uma batalha diária. A produção agrícola passou a depender do trabalho braçal; os filhos passaram a causar sofrimento e dor – e não apenas ao nascerem. A morte mudou para sempre a maneira como as pessoas encaram a vida. Riquezas e posses passaram a ser uma maneira de tentar garantir o futuro.

RICAMENTE ABENÇOADO

Muitas vezes pensamos que Abraão e outros patriarcas eram nômades que lutavam para ganhar a vida em um país desconhecido para eles. De fato, eles eram nômades – mas não eram pobres. Deus havia prometido a Abraão que seus descendentes seriam tão numerosos quanto as estrelas ou a areia da praia (Gn 22:17), embora o patriarca sequer tivesse um filho. A esterilidade de Sara, no entanto, não significava que havia pobreza na casa de Abraão. Na verdade, ele contribuiu para o exército que perseguiu os invasores da Mesopotâmia com 318 homens bem treinados, da sua casa. Foi esse exército que havia levado Ló e seus pertences. Essa informação sugere um tamanho signifi-

ficativo da família do patriarca (Gn 14:14). Abraão é descrito como “muito rico; possuía gado, prata e ouro” (Gn 13:2; cf. 24:35). Isaque foi igualmente abençoado por Deus e tornou-se rico (Gn 26:12, 13). A riqueza, no entanto, sempre esteve ligada às bênçãos de Deus. Muitos séculos depois, Moisés fez lembrar a uma nova geração de israelitas o fato de que Deus é o supremo doador de bênçãos – incluindo bênçãos materiais. Não foi o trabalho árduo nem a destreza militar dos israelitas que lhes daria vitórias e riquezas na Terra Prometida. Foi a confiança deles em Yahweh. “Lembrem-se do SENHOR, seu Deus, porque é Ele quem lhes dá força para conseguir riquezas” (Dt 8:18).

Este é um princípio importante quando consideramos a maneira como a Bíblia encara as riquezas. Embora sejamos incentivados a trabalhar diligentemente e honestamente (Pv 10:4), também somos lembrados de que é a bênção de Deus que nos ajuda a prosperar (v. 22). A riqueza nunca pode ser a única medida da bênção divina do sucesso, como é claramente visível na história de Jó.

“O Antigo Testamento frequentemente apresenta a riqueza de forma neutra, como um presente do Senhor, que pode ser usada para o bem ou para o mal, podendo ser tirada e novamente restaurada pelo Senhor”.² Quando as pessoas confiam em suas riquezas, elas perdem a visão da verdadeira fonte de seu bem-estar, conforme observado no Salmo 49, onde o salmista discute o conceito de riqueza e de falsa confiança.

Infelizmente, na época de Cristo a riqueza era muitas vezes vista como a única medida da bênção de Deus. Pela mesma lógica, ser pobre significava que uma pessoa tinha falhas morais e por isso estava excluída da bênção de Deus. Jesus virou esse conceito de cabeça para bai-



Gettyimages

A Palavra de Deus nos convida a reconhecer que a riqueza não é algo que um indivíduo cria, mas sim o resultado de uma oportunidade dada por Deus.

xo. Quando o jovem rico perguntou ao Mestre o que devia fazer para herdar a vida eterna e Jesus lhe disse para vender tudo o que tinha, dar o dinheiro aos pobres e, só então, segui-Lo (Mc 10:21), Ele nos lembrou do princípio de que a riqueza não pode dar segurança (em todos os níveis: material, emocional e espiritual). Os discípulos ficaram chocados com as implicações deste conceito quando Jesus declarou: “Filhos, como é difícil entrar no Reino de Deus! É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (v. 24, 25). Ao contrário dos rabinos, Jesus enfatizou que a riqueza sem um relacionamento com o Doador da riqueza acabará por levar à distração e até à destruição, na pior das hipóteses. Isso nos leva à questão de como a riqueza deve ser usada.

RIQUEZA E LEI

O cuidado particular de Deus pelos pobres e desvalidos está ancorado em Sua preocupação pelo *shalom* de Sua criação (ver Lv 25:23-55). As leis sobre o crédito, a proibição de cobrança de juros e as leis que regem a dívida e a escravidão reconhecem o fato de que ninguém está isento de ficar pobre, dada a precariedade da vida e da existência humana. A frase padrão “Se alguém do seu povo se tornar pobre” (v. 35, 39, NVI) lembra o leitor – antigo e moderno – que a pobreza pode atacar repentinamente. Mesmo aqueles que trabalham conscienciosamente e administram seus recursos com sabedoria podem cair na pobreza por causa de circunstâncias que estão fora do controle humano.

Uma escassez repentina, uma queda devastadora do mercado de ações, uma crise financeira, uma pandemia global, um terrível acidente, e a pobreza pode vir bater em qualquer porta.

Embora a preguiça seja diametralmente oposta aos valores de Deus inseridos em Sua criação e Sua lei, raramente é o indivíduo o culpado pela própria pobreza. Conforme observado pelo estudioso do Antigo Testamento Joel Kaminsky: “A noção de que a pessoa pobre pode não ser a culpada por sua situação também é

apoiada pelo fato de que os pobres em geral se associam com os justos, ao contrário dos ímpios ricos, que frequentemente são considerados opressores dos pobres em muitas passagens dos Salmos, Provérbios e do corpo profético (por exemplo, Sl 10:2-11; Pv 28:6; Is 3:14, 15; Sf 3:12)”³

Podemos ver claramente que a riqueza não é apenas uma bênção, mas uma obrigação. Aqueles que desfrutam de bênçãos materiais são convidados a compartilhar suas bênçãos com outros e a ajudar a levar a missão de Deus adiante.

RIQUEZA E MISSÃO

Uma boa ilustração do uso adequado de bênçãos materiais pode ser encontrada em Atos 2:44, 45, que descreve a disposição dos membros da igreja primitiva de compartilhar suas riquezas e propriedades com aqueles que não tinham o suficiente. Este compromisso com a parceria e a comunidade (*koinonia*, em grego) é descrito em termos de uma comunidade ideal – uma visão bastante radical, considerando as enormes diferenças socioeconômicas existentes no Império Romano do primeiro século d.C., onde alguns estimam que os 2% do topo da sociedade controlavam entre metade e dois terços da riqueza, e os 10% da classe mais baixa viviam continuamente na miséria e com altas taxas de mortalidade.⁴

A comunidade a que nos referimos se concentra em atender aqueles que não podem cuidar plenamente de si mesmos e, ao mesmo tempo, se envolver na missão maior de proclamar a chegada do reino de Deus mediante a morte e ressurreição de Jesus. Mais tarde, Paulo começou a arrecadar doações destinadas à igreja de Jerusalém, a qual havia sofrido perdas e perseguição (cf. At 11:29; Rm 15:26, 27; 1Co 16:1; 2Co 9:1, 2), destacando a interconectividade dos crentes além das fronteiras regionais ou geográficas.

O QUE ISSO SIGNIFICA?

“O discurso bíblico sobre questões econômicas nos força a envolver a Deus, e esse envolvimento nos empurra para um discurso que não é totalmente abrangido por outras formas de discursos morais em nossa cultura”⁵, escreve o teólogo luterano Richard Nysse. À medida que pensamos sobre a visão de Deus sobre riqueza e prosperidade, precisamos voltar ao início de tudo. A criação nos oferece uma janela para o sistema de valores de Deus. Ele não é mesquinho; Ele tornou tudo abundante; Ele é o exemplo de generosidade desinteressada.

Em última análise, como criador e provedor de todas as coisas boas, Deus desig-nou que os seres humanos fossem Seus mordomos. Eles deveriam cuidar de toda a Sua criação, incluindo homens e mulheres.

Intimamente relacionado ao nosso papel como mordomos de Deus está a realidade de que tudo o que possuímos, produzimos ou criamos é, em última análise, de Deus. “A soberania pertencia somente a Deus”, observa o estudioso do Antigo Testamento Walter Kaiser. “Aos mortais governantes foi dado o mero domínio sobre a Terra, pela qual eles respondiam a Deus como mordomo”⁶. Essa perspectiva continua a desafiar as pessoas que vivem no século 21. Temos a tendência de enaltecer os que obtiveram sucesso financeiro. Gostamos das histórias de milionários que se fizeram sozinhos. Frequentemente, o poder financeiro também se traduz em maior influência em nossas igrejas. Isso faz parte da cultura à qual pertencemos. O sistema de valores de Deus, no entanto, é distinto. Como Suas criaturas, estamos sujeitos e prestamos contas ao nosso Criador. Como mordomos, somos chamados a cuidar dos marginalizados ou necessitados.

Tanto ricos quanto pobres podem refletir aspectos do caráter de Deus e prover oportunidades de crescimento no relacionamento com Deus. Ser rico ou pobre representa um retrato momentâneo de uma realidade material, mas não diz nada sobre o nosso valor inerente. Nossas ideias sobre o dinheiro e o nosso relacio-

namento com ele sempre serão um desafio nas estruturas econômicas atuais. A Palavra de Deus nos convida a reconhecer que a riqueza não é algo que um indivíduo cria, mas sim o resultado de uma oportunidade dada por Deus. Junto com essa oportunidade vem a responsabilidade pessoal. Nosso maior objetivo financeiro não deve ser uma aposentadoria antecipada ou importâncias de oito ou mais dígitos em nossa conta poupança. Em vez disso, devemos ser mordomos fieis que mantemos o suficiente para compartilhar com os necessitados. Paulo resume bem essa perspectiva no conselho dado a seu jovem colega de trabalho Timóteo: “Exorte os ricos deste mundo a que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para o nosso prazer. Que eles façam o bem, sejam ricos em boas obras, generosos em dar e prontos a repartir; ajuntando para si mesmos um tesouro que é sólido fundamento para o futuro, a fim de tomarem posse da verdadeira vida” (1Tm 6:17-19). ◉



Gerald A. Klingbeil, atua como editor associado da Adventist Review Ministries e também é professor pesquisador de estudos do Antigo Testamento e do antigo Oriente Próximo no Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia, Universidade Andrews.

1. Compartilhei algumas dessas ideias no artigo “Money, Property, and Power: An Old Testament Reading of Divine Economics”. *Adventist Review*, Novembro de 2020, p. 20-23.
2. “Wealth and Poverty”, no *Dictionary of Daily Life in Biblical and Post-Biblical Antiquity*, ed. Edwin M. Yamauchi e Marvin R. Wilson (Peabody, Mass.: Hendrickson, 2017), p. 169-33.
3. Joel S. Kaminsky, “The Might of My Own Hand Has Gotten Me This Wealth: Reflections on Wealth and poverty in the Hebrew Bible and Today”, *Interpretation* 73, no. 1 (2019): 124.
4. Craig S. Keener, *Acts: An Exegetical Commentary*, Volume 1: Introdução e 1:1–2:47 (Grand Rapids: Baker Academic, 2012), p. 1012, 10135.
5. Richard Nysse, “Moral Discourse on Economic Justice: Considerations From the Old Testament”, *Word and World* 12, no. 4 (1992): 344-6.
6. Walter C. Kaiser, Jr., “Ownership and Property in the Old Testament Economy”. *Journal of Markets and Morality* 15, No. 1 (2012): 235.

SAVE
THE
DATE

NOVEMBER 28
TO DECEMBER 4, 2021

STEWARDSHIP REVIVAL WEEK 2021

7 DAYS

Join us for a Stewardship Revival Week filled with seven inspirational messages, aligned with the "I Promise" cards.



ÉTICA NO TRABALHO

Uma perspectiva bíblica



Getty Images

MARIE-ANNE RAZAFIARIVONY

O trabalho é um aspecto proeminente da vida de cada ser humano. Os adultos passam, em média, 30% de sua vida no trabalho e aspiram a carreiras pelas quais são apaixonados. A ética no trabalho é definida como um conjunto de valores tais como integridade, responsabilidade e perseverança no emprego. Diz-se que uma pessoa tem uma forte ética de trabalho quando ela é disciplinada e envolvida em seu trabalho. No entanto, muitas pessoas consideram o trabalho um mal necessário. Por que? E mais importante ainda: o que a Bíblia tem a dizer sobre o trabalho? Quais são os princípios bíblicos que devem guiar o crente no que diz respeito ao trabalho? Estas são as questões que este artigo irá abordar.

O VALOR E O LUGAR DO TRABALHO NA VIDA DOS SERES HUMANOS

A Bíblia registra que o trabalho existe desde o início da humanidade. Logo depois de criar Adão e Eva, Deus os empregou no Jardim do Éden (Gn 2:15). O trabalho fazia parte de tudo aquilo que Deus

qualificou como “muito bom” (Gn 1:31). A fim de contribuir para a felicidade dos homens e das mulheres, Deus lhes deu um trabalho para fazer: “Foi dado a Adão o trabalho de cuidar do jardim. O Criador sabia que Adão não podia ser feliz sem ocupação. [...] Aquele que criou o homem sabia o que seria para sua felicidade; e tão depressa o havia criado, deu-lhe a obra que lhe era designada”.¹ Fazendo isso, Deus estava mostrando que o trabalho é uma dívida divina e, portanto, deve ser valorizado pela humanidade.

Depois que Adão pecou, Deus não removeu o trabalho dele; em vez disso planejou que fosse preciso mais esforço para que os resultados do trabalho de alguém pudessem aparecer (Gn 3:17). Embora possa parecer severa, essa ação de Deus foi, na verdade, para o benefício da humanidade. “A queda de Adão modificou a ordem das coisas; a Terra foi amaldiçoada; mas o mandado de que o homem devia ganhar o pão com o suor do rosto não foi dado como uma maldição”.² Em vez de maldição, o trabalho era parte do plano da redenção, uma maneira eficaz de ajudar a humanidade a recuperar o que fora perdido por causa do pecado. Com o trabalho

árduo, o indivíduo disciplina a mente e o corpo. “[O trabalho] fazia parte do grande plano de Deus para a restauração do homem, da ruína e degradação do pecado”.³

Desde que o pecado e seus resultados se espalharam por toda a Terra, os seres humanos passaram a rejeitar a Deus e Sua autoridade. Eles ignoraram a verdade de que foi Deus quem instituiu o trabalho e agiram como se o trabalho fosse uma invenção deles. Sem nenhum senso de responsabilidade para com Deus, estabeleceram condições de trabalho desumanas. A escravidão foi instituída. Opressão e crueldade passaram a ser práticas verificadas até mesmo entre aqueles que eram considerados filhos de Deus (Mt 3:5; Jr 22:13). Os assalariados e escravos detestavam tais condições. Assim, algo que fora instituído para a felicidade humana na Criação se transformou em uma experiência amarga, passando a ser considerado uma maldição. Por outro lado, quando Deus é considerado como o legítimo dono do trabalho – o Supremo Empregador – os empregadores humanos se tornam Seus representantes e, como tal, agem de acordo com a lei de Deus, que é a lei do amor. Tais representantes agem no temor de

Deus, como mostra o exemplo de Boaz (Rt 2:3, 4, 14).

Os seres humanos trabalham para ganhar a vida. O Senhor deu instruções precisas aos filhos de Israel quanto ao direito dos trabalhadores ao seu salário (Lv 19:13). Não está em Seu plano que nenhum trabalhador, inclusive o estrangeiro, o empregado e o pobre, seja privado dos confortos essenciais da vida quando estejam trabalhando e esperando a justa recompensa de seu trabalho. Deus descreve claramente as obrigações do empregador para com seus empregados (Dt 24:14, 15).

Quando os humanos se afastam do temor de Deus, a posse de dinheiro passa a ser considerada como uma medida do valor dos seres humanos. Como resultado, os humanos consideram o trabalho apenas uma forma de ganhar dinheiro, em vez de um meio honroso de glorificar a Deus. Alguns empregos são desprezados por oferecerem um salário baixo. Outros são considerados de grande valor por proporcionarem alta remuneração, e as pessoas procuram por eles, mesmo que seus talentos não correspondam à profissão desejada. A Bíblia mostra que Deus fornece os meios para a riqueza e designa a todos algo útil para fazer, de acordo com a capacidade de cada um (Mt 25:15). A crença de que o trabalho provém de Deus, Aquele que cuida até mesmo do pequeno pardal (Lc 12:6, 7), liberta os trabalhadores da ansiedade constante de não ganharem o suficiente para suprir as suas necessidades (Mt 6:3).

COMO É QUE SE TRABALHA?

A maneira como se trabalha também é uma consideração importante. Nesse sentido, pensar sobre trabalho de maneira equivocada resulta em dois extremos: o da preguiça/ociosidade e o do excesso de trabalho. A Bíblia condena ambas as tendências. Um filho de Deus é exortado a se empenhar no trabalho com espírito de gratidão, servindo ao Senhor com entusiasmo (Rm 12:11), em vez de se entregar à ociosidade. Deus demonstra o valor do trabalho ao colocar

entre os Dez Mandamentos uma lei referente ao trabalho (Êx 20:9). Os mandamentos são obedecidos como o resultado do amor a Deus (Jo 14:15). Quando Jesus resumiu os mandamentos para o jovem rico, Ele disse que os homens devem amar ao Senhor Deus de todo o coração, toda a alma e toda a mente (Lc 10:27). Quando “o coração e a alma são colocados no trabalho, não importa qual seja”, damos evidência a Deus de que apreciamos Sua dádiva também nas faculdades físicas e mentais.⁴

O trabalho traz dignidade, pois é dele que o trabalhador ganha o seu sustento. O apóstolo Paulo admoesta que aquele que não quer trabalhar que também não coma (2Ts 3:10-12). Ele deu o exemplo e trabalhou

Jesus, nosso exemplo perfeito, demonstrou o valor do trabalho ao dedicar grande parte de Sua vida na Terra ao ofício de carpinteiro.

com as próprias mãos para evitar ser dependente das pessoas para quem pregava o Evangelho (At 18:13; 20:34).

Jesus, nosso exemplo perfeito, demonstrou o valor do trabalho ao dedicar grande parte de Sua vida na Terra ao ofício de carpinteiro (Mc 6:3). “Até na utilização das ferramentas de trabalho, Ele queria ser o mais eficiente possível. Como trabalhador, era perfeito, assim como era perfeito em caráter. Com Seu exemplo, nos ensinou a fazer nosso trabalho com exatidão e esmero, e que existe honra no trabalho”.⁵

O outro extremo é o excesso de trabalho. A harmonia entre todos os elementos que compõem o ser humano (corpo, mente e espírito) deve ser mantida em delicado equilíbrio. “Não é o trabalho, mas o excesso dele, sem períodos de descanso, o que faz desfalecer as pessoas, pondo em perigo as forças vitais”.⁶ Em todas as coisas a temperança é recomendada, inclusive no trabalho

(Gl 5:23). Salomão aconselha moderação no trabalho (Pv 23:4). Nos Dez Mandamentos, Deus ordenou o descanso para humanos e animais (Êx 20:10). Ele também instruiu que os israelitas mantivessem o equilíbrio entre trabalho e descanso. Os israelitas tinham várias festas durante o ano e eram chamados a deixar seu trabalho cotidiano e voltar seus pensamentos para assuntos religiosos e de comunhão (Lv 23; Nm 28; 29; Dt 16). As instruções também se aplicam à nossa sociedade contemporânea. “Aqueles que [...] continuam a trabalhar quando sua mente lhes diz que deveriam descansar nunca são vencedores. Eles estão vivendo com capital emprestado”.⁷ Ao deliberadamente reservarem tempo para a recreação e para se focarem em outras coisas que não o trabalho, os humanos proclamam sua liberdade da tirania do trabalho.

CONCLUSÃO

Este artigo enfatiza a maneira como Deus instituiu o trabalho e o valoriza, e como essa dádiva tem sido mal utilizada por causa do pecado. Também destaca os princípios bíblicos que mostram que Deus chama os Seus filhos para honrar o trabalho a eles designados. Ao fazerem o seu melhor, eles estão glorificando ao seu Criador. 🟡



Marie-Anne Razafiarivony é professora associada do Departamento de Administração de Empresas da Universidade Adventista da África. Atualmente ela é diretora do programa de MBA da instituição. Suas áreas de pesquisa incluem gestão de carreiras, questões relacionadas à gestão de instituições confessionais e integração da fé cristã na vida diária. Seu esposo é pastor e participa ativamente das atividades da igreja. Seu propósito é nutrir a fé dos crentes.

1. Ellen G. White, *O Lar Adventista* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990), p. 27.
2. Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 314.
3. Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 30.
4. Ellen G. White, *Signs of the Times*, 14 de março de 1900.
5. Ellen G. White, *O Libertador* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 38.
6. Ellen G. White, *Mente, Caráter e Personalidade* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), v. 2, p. 375.
7. Ellen G. White, *Healthful Living* (Battle Creek, Mich.: Medical Missionary Board, 1898), p. 47.

EMPREENDEDORISMO

CRISTÃO

Identidade, propósito e regras do jogo

CARLOS BIAGGI

Deus chamou muitos de nós para sermos empreendedores e para abriremos um negócio que O glorifique. No entanto, às vezes perdemos nossa identidade e nosso propósito. Este artigo ajudará os empresários cristãos a encontrar seu propósito e a conhecer as regras para operar seus negócios.

1. IDENTIDADE: EM PRIMEIRO LUGAR, CRISTÃO; EM SEGUNDO, EMPREENDEDOR

Um aspecto importante do empreendedorismo cristão é a identidade. Serei primeiro um cristão ou primeiro um empresário? No fundo, quem sou eu? Embora algumas pessoas se vejam como “cristãos que, por acaso, são empresários”, outros se veem como “empresários de sucesso que, por acaso, são cristãos”.¹

Aqueles que são em primeiro lugar empresários acreditam naquilo que diz a narrativa do que seria sucesso, aos olhos do mundo. Eles encontram alegria nas vantagens e nos elogios que recebem quando o faturamento cresce rapidamente, quando fecham um grande negócio ou quando garantem um investimento necessário para a empresa.² No entanto, a alegria desaparece quando os negócios declinam ou eles não conseguem obter os financiamentos necessários. Lá na frente, eles podem perceber que talvez tenham adorado um ídolo em vez de a Deus.

Por outro lado, quando empresários encontram sua identidade em primeiro lugar como cristãos, Deus e as Escrituras são suas fontes de alegria. Henry Kaestner argumenta que “os profissionais de negócios que sabem que são primeiramente cristãos trazem todos os seus talentos, experiências e oportunidades para o altar como uma forma significativa de adoração. Eles entendem que Deus não precisa do trabalho ou do dinheiro deles. Mesmo assim, querem trazer tudo, pois isso reflete o total abandono de si mesmos. Da maneira mais adequada, eles encontraram sua identidade em Deus e compreenderam a beleza de serem mordomos de Deus em vez de ter cada vez mais”.³ Para eles, não importa ter sucesso ou fracasso aos olhos do mundo, porque, aos olhos de Deus, o sucesso está garantido.

Em seu livro *EntreLeadership*, Dave Ramsey chama isso de renúncia. Quando a empresa dele faliu, ele comentou: “Depois que comecei de novo e abri um novo negócio, decidi que seguiria o espírito e a direção das Escrituras para gerir a empresa”.⁴ Portanto, quero encorajá-lo a encontrar sua identidade, primeiro como um cristão e, em segundo lugar, como empresário.

2. OBJETIVO: GLORIFICAR A DEUS

Empresários cristãos usam seus talentos e negócios para glorificar a Deus. Em um estudo feito para descobrir as características dos empresários cristãos,⁵ os participantes concordaram que Deus criou a humanidade para glorificá-Lo.⁶ Portanto, eles reconheceram que são chamados por Deus para viver em harmonia com os outros (cônjuge, filhos, parceiros de negócios) e que o propósito de seus negócios é “estender o Reino de Deus na terra e glorificá-Lo”. Em outras palavras, “eles acreditam que tudo o que fazem é um ato de adoração”.⁷

Um dos participantes manifestou identificar-se com o apóstolo Paulo por este ter se tornado um empresário, evitando, assim, ser um fardo para os outros. Paulo fabricava tendas para se sustentar (2Ts 3:10), para suprir as necessidades de outras pessoas (At 20:33-35) e para se conectar com as pessoas (At 18:3). Além disso, o Espírito Santo potencializou o

Um aspecto importante do empreendedorismo cristão é a identidade. Serei primeiro um cristão ou primeiro um empresário?

ministério dele por meio de seus parceiros estratégicos (Rm 16:3, 4). Assim como Paulo, empresários cristãos não deveriam ter algum propósito em seus negócios que estivesse separado da sua vida espiritual ou que se opusesse a ela. O propósito de glorificar a Deus deve permear todas as áreas da vida, incluindo a dos negócios. Jordan Raynor sugere que uma maneira de avaliar se o nosso propósito é glorificar a Deus é perguntar-nos “não sobre qual carreira vai melhorar nossa autoimagem, mas sim como podemos servir melhor Aquele que nos chamou para criar [...] algo novo para o bem dos outros”.⁸

3. REGRAS DO JOGO: VALORES BÍBLICOS E PRINCÍPIOS

Além de demonstrarem identidade e propósito, os empresários cristãos administram os seus negócios tendo como base os valores e princípios bíblicos. Por serem honestos e fiéis, o mercado confia neles em todas as fases do ciclo empresarial (Lc 16:10).



Getty Images

Eles são proativos e diligentes na busca de oportunidades de negócios (Pv 13:4; Ec 9:10). Antes de expandir os seus negócios, testam sua ideia de negócio, ou protótipos, no mercado (Pv 24:7). Depois que a empresa é aberta, eles são pacientes na construção dos seus negócios (Pv 13:11; 28:20). Eles não enganam seus clientes (Dt 25:13-16; Pv 11:1) nem sonegam impostos (Mt 22:17-21; Rm 13:6, 7). Suas marcas, portanto, refletem seu caráter (Pv 22:1) e os clientes falam bem delas (Pv 27:2). Brock Shinen argumenta que os empreendedores cristãos sonham, planejam, executam e aumentam seus negócios com base em um profundo compromisso com Deus e confiança e Seus princípios.⁹

Além disso, a gestão dos recursos humanos de suas empresas é baseada em princípios cristãos. Eles têm o cuidado de empregar trabalhadores que se amoldam aos seus valores (Pv 10:26). Eles promovem relacionamentos saudáveis com seus empregados (Ef 6:5-9; Cl 4:1) e pagam salários justos (Dt 24:15; Tg 5:4). Eles orientam seus funcionários como gostariam de ser orientados (Pv 27:17; Lc 6:31) e os motivam a alcançar objetivos em comum (Pv 16:26). Além disso, eles oram por seus funcionários e por seus parceiros de negócios (Jó 42:10; Tg 5:16).

Os empreendedores cristãos são prudentes com suas finanças. Eles acreditam e praticam os três princípios da liberdade financeira:¹⁰ (1) Deus é o dono de tudo o que temos (Sl 24:1, 2), (2) Deus supre todas as nossas necessidades (Fp 4:19), e (3) Deus vem em primeiro lugar na administração das nossas finanças (Mt 6:33). Uma maneira de colocar a Deus em primeiro lugar é devolver fielmente os dízimos e as ofertas. Assim, eles devolvem o dízimo referente a sua renda, incluindo todos os lucros apresentados pelo negócio (Lv 27:30; Ml 3:8-12). Como aponta Ellen White, os empreendedores cristãos acreditam que não são “deixados a tropeçar nas trevas e na desobediência. A verdade é exposta claramente e pode ser claramente entendida por todos os que desejam ser sinceros à vista de Deus. O dízimo de toda a nossa renda é do Senhor”.¹¹ Além disso, eles colocam a Deus em primeiro lugar ao darem ofertas proporcionais, demonstrando espírito de abnegação.¹² Eles dão ouvidos aos ensinamentos de Jesus sobre a oferta da viúva (Mc 12:43, 44) e reconhecem que “[Ele ensinou] que o valor da oferta é estimado, não pela quantidade, mas pela proporção em que é dada e pelos motivos que moveram o doador”.¹³

Além disso, eles administram seus negócios e finanças familiares dentro de um

orçamento,¹⁴ gastam menos do que ganham (Pv 21:20) e evitam assumir dívidas desnecessárias (Pv 22:7). Ademais, desfrutam das bênçãos que resultam do hábito de poupar¹⁵ e de investir com sabedoria.¹⁶

Finalizando, gostaria de incentivar o querido empresário cristão a, por meio da oração, encontrar sua identidade, primeiro como cristão e, depois, como empresário. Que o seu propósito seja trazer glória a Deus em cada detalhe do seu negócio. Descubra na Bíblia os valores e princípios que Deus deseja que você use para gerir os seus negócios. E que, muito em breve, possamos ouvir dos lábios do Senhor: “Muito bem, servo bom e fiel; você foi fiel no pouco, sobre o muito o colocarei; venha participar da alegria do seu senhor” (Mt 25:23). ◉



Carlos Biaggi é diretor da faculdade de administração de negócios da Universidade do Oriente Médio, Beirut, Líbano.

1. Henry Kaestner, “What Does It Mean to Be a Christian Entrepreneur?” em *Purposeful Living: Financial Wisdom for All of Life*, ed. Gary G. Hoar and Tim Macready, p. 19, <https://www.christiansuper.com.au/ebook/>.
2. *Ibid.*, p. 19, 20.
3. *Ibid.*, p. 21.
4. Dave Ramsey, *EntreLeadership: 20 Years of Practical Business Wisdom From the Trenches*, (New York: Howard Books, 2011), p. 3.
5. M.D.M. Cullen, A. P. Calitz, and L. Boshoff, “Characteristics of the Christian Entrepreneur”, *Journal for Development and Leadership* 2, no. 1 (2013): 29-44, <https://jdl.mandela.ac.za/Journal-Archive/Volume-2/Number-1/Characteristics-of-the-christian-entrepreneur>.
6. *Ibid.*, p. 37.
7. *Ibid.*
8. Jordan Raynor, *Called to Create: A Biblical Invitation to Create, Innovate, and Risk* (Grand Rapids: Baker Books, 2017), p. 52, 14.
9. Brock Shinen, *The Christian Entrepreneur: Dream, Plan, Execute, Grow* (Grand Rapids: Bethany House, 2020), p. 12.
10. Guillermo Biaggi e Carlos Biaggi, *Libertad Financiera: Principios Bíblicos y Administración, Fidelidad y Generosidad* (Buenos Aires: Casa Editora Sudamericana, 2017), p. 35-50.
11. Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Adventista, 2007), p. 52.
12. Biaggi e Biaggi, p. 46, 47.
13. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), p. 190.
14. Biaggi e Biaggi, p. 111-137.
15. *Ibid.*, p. 156-170.
16. *Ibid.*, p. 231-247.

CHAMADOS PARA INVESTIR

Getty Images

SCOT T. COPPOCK

Devem os cristãos investir seu dinheiro? Claro que sim! A parábola dos talentos em Mateus 25:14-30 sugere que, sim, devemos investir. Os que decidem não investir, deixando de fazer o melhor uso dos recursos disponíveis, são como o servo que escondeu o talento na terra e, como ele, serão lançados nas trevas. Mas espere um minuto, essa parábola não é sobre cantar, tocar um instrumento, ou, em linhas gerais, viver nossa vida para Deus? Sim, a parábola certamente pode ser aplicada (e assim é, com frequência) no sentido de usar os nossos talentos para Deus. Mas considere que, no mundo antigo, um talento era, literalmente, um tipo de moeda correspondente a aproximadamente seis mil dias de salário. Consequentemente, os servos da parábola receberam, de acordo com suas habilidades, quantias correspondentes a 20, 40 e 100 anos de trabalho (aqui estamos falando de centenas de milhões de Reais). Obviamente, o mestre esperava que o seu dinheiro fosse usado com sabedoria.

Se acreditarmos que tudo o que temos vem de Deus (1Cr 29:11, 12; Sl 24: 1, 2), e que Ele deseja que os Seus recursos sejam usados para glorificá-Lo (1Co 10:31), faz muito sentido que Deus espere que o dinheiro Dele seja administrado da melhor maneira possível (1Tm 6:17-19; Ef 2:10; 2Co

9:6-8; Ec 11:1, 2). Somos chamados a investir para Ele! Isso significa associar-nos com o Mestre e colocar o dinheiro Dele para trabalhar, assim como dois dos servos da parábola fizeram pelo seu senhor.

Alguns menosprezam a ideia de investir o dinheiro, talvez porque equiparem isso a jogos de azar. Mas quando comparamos as duas coisas, descobrimos que investir e jogar são coisas muito diferentes. Investir é colocar o dinheiro para trabalhar com a expectativa de gerar ganhos ou lucros a longo prazo. Jogar é correr riscos, sabendo muito bem que você tem mais chances de perder o que investiu no jogo, mas, mesmo assim, espera um resultado rápido e lucrativo. A expectativa de receber algo em troca (um retorno sobre o investimento) distingue o investimento do jogo.

FUNÇÕES DE DINHEIRO

Ainda não está convencido da importância de investir? Considere o seguinte: o dinheiro tem essencialmente três funções. Ele pode suprir nossas necessidades imediatas, ser guardado para o futuro e/ou doado. Devemos nos esforçar para mostrar equilíbrio em todas as três funções. Devemos trabalhar para suprir nossas necessidades imediatas, satisfazendo-nos quando elas são supridas. Devemos economizar para o futuro, o que não significa acumular riquezas. Devemos ser genero-

sos sem deixar que a nossa generosidade nos deixe necessitados.

Investir pode ajudar em duas dessas funções. Em primeiro lugar, incrementamos nossas economias ao colocarmos o dinheiro para trabalhar (em vez de deixá-lo “parado”, enquanto perde o poder de compra por causa da inflação) ao mesmo tempo em que o economizamos. Em segundo lugar, investir gera mais dinheiro, o que nos dará condições para sermos uma bênção para outras pessoas!

FUNDAMENTOS PARA INVESTIR

Como o homem sábio que construiu sua casa sobre a rocha, devemos garantir que nossas finanças estejam sólidas antes de investir. Comece buscando orientação divina, submetendo-se, em oração, à vontade de Deus e pedindo a Ele para guiá-lo em todas as suas decisões financeiras. Em seguida, faça um orçamento dentro do qual você possa viver. Por fim, livre-se de dívidas o máximo que possa e mantenha algumas economias que possam ser acessadas rapidamente, em caso de emergência. Muito já foi escrito sobre as necessidades financeiras mais básicas, portanto, não há necessidade de entrar em mais detalhes aqui. Basta dizer que, se você vive além de suas posses, contrai dívidas e não tem fundo de emergência, então o seu primeiro investimento deve ser colocar a sua situação financeira em ordem.

PRINCÍPIOS PARA INVESTIR

Uma vez tendo uma base financeira sólida em vigor, existem alguns princípios universais que você deve ter em mente ao começar a investir.

1. INVISTA EM EMPRESAS ORIENTADAS POR VALORES MORAIS POSITIVOS.

Se de fato queremos usar todos os nossos recursos para glorificar a Deus, devemos estar cientes de onde investimos nosso dinheiro. Normalmente, o investimento baseado na fé exclui empresas consideradas imorais tais como as de tabaco, álcool, jogos de azar e pornografia – os assim cha-

mados “papéis pecaminosos”. A Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia excluiu esses investimentos do seu portfólio e, louvado seja o Senhor, a taxa de retorno não é afetada de forma adversa.

2. ENTENDA OS SEUS INVESTIMENTOS.

Existem muitos tipos de investimentos e muitas maneiras pelas quais eles podem fazer você ganhar ou perder dinheiro. Antes de investir em qualquer coisa, entenda a relação risco-benefício. Saiba como o capital investido pode aumentar de valor ou dar lucro, e conheça os custos envolvidos (irão eles consumir todos os seus ganhos?). Saiba quais regulamentos regem esse investimento e como eles podem protegê-lo ou deixá-lo vulnerável. Nunca invista em algo que você não entende.

3. CONHEÇA O SEU HORIZONTE TEMPORAL.

Muitas pessoas investem pensando na aposentadoria, na educação dos filhos, ou em alguma grande aquisição. Seja qual for o motivo para investir, tenha uma compreensão clara do seu horizonte temporal. Você vai se aposentar na próxima semana ou daqui a 50 anos? Seu filho vai para a faculdade no próximo ano ou ainda está engatinhando? Não importa quanto tempo você tenha, escolha investimentos que se encaixem no período de tempo disponível e mantenha o seu curso. Se você não vai se aposentar em menos de 20 anos, não fique nervoso e retire o dinheiro investido só porque o dia foi ruim em termos de rendimentos. Haverá muitos altos e baixos com um horizonte temporal tão longo, de modo que você deve estar preparado para enfrentar várias tempestades.

4. PROCURE UMA TAXA DE RETORNO RAZOÁVEL.

Investir não é um esquema para enriquecimento rápido. Portanto, não deve haver expectativas de dobrar ou triplicar o seu investimento da noite para o dia. Um exemplo de taxa de retorno razoável é a inflação mais 3 a 5 por cento. Historicamente, isso equivale a um retorno de cerca de 6,5 a 8,5 por cento. Uma expectativa razoável permite que você

mantenha uma carteira de investimentos que supere a inflação, evitando riscos desnecessários ou especulativos que podem destruir seus investimentos.

5. TODO INVESTIMENTO TEM RISCO; EQUILIBRE O RISCO ADEQUADAMENTE.

Não existe investimento sem risco. Mesmo uma conta de poupança com garantia do governo enfrenta o risco de perder para a inflação. Claro, você pode dormir tranquilo sabendo que, se o banco quebrar, você receberá seu dinheiro de volta. No entanto, você ainda enfrenta a possibilidade real de perder poder de compra por causa da inflação, no longo prazo. Conheça os riscos do seu investimento e certifique-se de que ele se alinha ao seu horizonte temporal e à taxa de retorno esperada.

6. DIVERSIFIQUE SEUS INVESTIMENTOS.

Assim como não é aconselhável carregar todos os ovos para o mercado em uma única cesta, é igualmente tolo investir todo o seu dinheiro em uma só empresa. Ao investir em várias empresas ou, melhor ainda, em vários setores da economia

Como o homem sábio que
construiu sua casa sobre a
rocha, devemos garantir que
nossas finanças estejam sólidas
antes de investir.

(energia, saúde, tecnologia da informação e imóveis), você pode distribuir o risco e se recuperar mais rapidamente se uma empresa, ou setor, tiver um ano ruim.

7. APROVEITE AS VANTAGENS DOS JUROS COMPOSTOS.

Um provérbio chinês diz: “O melhor momento para plantar uma árvore foi há 20 anos; o segundo melhor momento é agora”. Embora esse provérbio certamente se aplique melhor a residências e jardins, ele também se aplica a investimentos, por causa das

bênçãos dos juros compostos. Por exemplo, digamos que um jovem de 20 anos invista R\$ 200 por mês a uma taxa de retorno de 8% e, em seguida, pare de fazer depósitos mensais após 10 anos. Suas contribuições totais equivalem a R\$ 24.000; quando completar 65 anos, ele terá cerca de R\$ 600.000. Agora, suponha que o mesmo indivíduo esperou para começar a investir R\$ 200 por mês entre os seus 30 a 65 anos, conseguiu a mesma taxa de retorno (8%) durante o mesmo período e o total dos depósitos for de R\$ 84.000. Nesse caso, o nosso jovem terá apenas R\$ 460.000. No primeiro cenário, o jovem acabou ganhando R\$ 140.000 a mais, apesar de ter contribuído com R\$ 60.000 a menos. O que faz a diferença é o tempo. Quando se trata de investir, quanto mais cedo começar, melhor será para você. Mas não importa a sua idade. Nunca é tarde demais para começar a investir!

CONCLUSÃO

Ao equilibrarmos as funções do dinheiro, ao construirmos uma base financeira sólida e ao aplicarmos princípios de investimento consistentes, formamos uma parceria mais forte com Deus. Ellen White disse, “Nada tenham a temer; invistam os seus recursos onde renderão; espalhem raios de luz às partes entenebrecidas do mundo. [...] Cristo deu tudo por vocês; o que darão por Ele? Ele pede o seu coração; a Ele o entreguem, pois Lhe pertence.”*

Vamos investir nossas finanças para Deus como fizeram os servos sábios e, ao fazê-lo, fortaleceremos nosso relacionamento com Ele, pois é Dele que fluem todas as bênçãos! 🟡



Scot T. Coppock é diretor associado do departamento de Doações Planejadas e Serviços Fiduciários (PGTS, na sigla em inglês) da Associação Geral e fornece treinamento e consultoria de doações planejadas para organizações da IASD. Ele é um especialista certificado em doação planejada, com pesquisas em planejamento de bens de caridade e certificado pelo PGTS.

*Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), v. 4, p. 596.

REAVALIANDO A PROSPERIDADE



Getty Images

DIEGO BARRETO

Historicamente, o cristianismo tem uma relação paradoxal com o dinheiro e a riqueza. Se, por um lado, a Bíblia afirma explicitamente que a prosperidade é uma das recompensas de uma vida justa, como indicam muitas passagens de Deuteronômio e Provérbios, por exemplo, podemos encontrar, por outro lado, muitas passagens que consideram a modéstia e a abnegação como ideais a serem alcançados. Para apoiar isso, temos as bem-aventuranças (bem-aventurados os pobres, etc.) ou a oferta da viúva (Lc 21:1-4; Mc 12:41-44). Mesmo no Antigo Testamento, encontramos muitos exemplos de pessoas modestas que são elevadas a uma posição de destaque, tanto em termos espirituais quanto mundanos, como resultado da sua humildade e fidelidade.

Sempre teremos dificuldade para entender a relação entre o rei Davi e o seu descendente de Nazaré, Jesus. Mesmo o Antigo Testamento dá uma ênfase diferente à do Novo Testamento quanto à prosperidade. Enquanto o Antigo Testamento aponta para as conquistas de Deus, o Novo Testamento aponta para os sacrifícios de amor que Ele nos mostrou.

Em última análise, esse paradoxo tem sua origem na relação entre a esfera material e a espiritual. Como eles se justapõem na realidade em que vivemos? Na esfera material, uma coroa significa vitória. Mas a cruz, originalmente entendida apenas como um instrumento de morte vergonhosa e dolorosa, passou a significar a mesma coisa na esfera espiritual. Um muro ao redor de uma cidade pode significar uma atitude indiferente para com o mundo exterior ou até mesmo um tipo de arrogância, ou pode simbolizar a proteção cuidadosa de Deus. Se Deus se importa conosco, isso deve ser refletido em nossa realidade material percebida. No entanto, continua sendo difícil para nós, como humanos, determinar onde começa uma realidade e termina a outra.

É por isso que Jesus era frequentemente mal compreendido quando tentava abordar essas realidades sobrepostas, aparentemente paradoxais. João 6 é um ótimo exemplo. Jesus estava fazendo analogias materiais com verdades espirituais. Os judeus entendiam apenas o lado material; eles falharam em apreender as lições espirituais. Como resultado, muitos optaram por não seguir a Jesus (Jo 6:66).

Vamos abordar esse paradoxo mais uma vez, entendendo essa realidade sobreposta e tentando dar algum sentido a ela.

POR QUE O DINHEIRO É IMPORTANTE?

Os humanos foram feitos para se relacionar. Nossa existência depende da mutualidade e de trocas em muitos níveis. O dinheiro é uma das maneiras pelas quais nos relacionamos. É um sistema intermediário que organiza e facilita as nossas transferências. É mais fácil e rápido trocar uma nota de papel do que um balde de sal. “O dinheiro é um meio de troca”, diz a definição clássica. Portanto, ele não é mau ou bom em si mesmo. Tudo depende da maneira como lidamos com ele.

Portanto, o que importa é como percebermos e usamos o dinheiro. Nossa visão é muito mais importante do que o dinheiro propriamente dito. Nossa cosmovisão determina o que o dinheiro é para nós e que funções ele desempenhará em nossa vida e em nosso relacionamento com outras pessoas. Que cosmovisão o Cristianismo traz para tudo isso? Paulo escreveu que o uso adequado do dinheiro era “socorrer os necessitados e lembrar das palavras do próprio Senhor Jesus: ‘Mais bem-aventurado é dar do que receber’” (At 20:35). Jesus ensina que dar é a essência do Seu reino. “Deus [...] deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que Nele crê não pereça, mas

tenha a vida eterna” (Jo 3:16), Jesus deu Sua vida, e todos os que O seguem são convidados a dar, não a acumular (Lc 9:23-25). Afinal, “Ninguém deve buscar o seu próprio bem, mas sim o dos outros” (1Co 10:24, NVI). Não somos tomadores, mas doadores.

Quando Paulo fala sobre riqueza, ele está claramente se opondo à cosmovisão que predominava em sua época e também agora: “Exorte os ricos deste mundo a que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para o nosso prazer. Que eles façam o bem, sejam ricos em boas obras, generosos em dar e prontos a repartir” (1 Tm 6:17, 18). Arrogância, esperança, generosidade e compartilhamento são evidências de uma cosmovisão. Paulo não está atacando um comportamento, mas a mentalidade que está por detrás de um determinado comportamento. Outra visão cristã é: Jesus está voltando e nós somos estrangeiros na Terra. Nada aqui dura para sempre. Esse conceito levou C. S. Lewis a cunhar a expressão “Tudo o que não é eterno está eternamente desatualizado”,² e isso muda tudo. Considere o seguinte: por causa do sacrifício de Jesus, as pessoas são a única coisa neste mundo com direito à eternidade e, portanto, a única coisa em que vale a pena investir.

Sobre isso, Ellen White se expressou desta forma:

“A prosperidade espiritual está intimamente ligada à liberalidade cristã. Os seguidores de Cristo devem regozijar-se pelo privilégio de revelar em sua vida a beneficência do seu Redentor [...]. Procurem eles reter suas posses com propósitos egoístas, e isso será para sua eterna perda. Deem, porém seu tesouro a Deus, e desse momento em diante ele levará Sua inscrição. Ficará selado com a Sua imutabilidade”³

Não devemos ter dúvidas: o dinheiro é um recurso para servir aos outros, para estender as mãos de Deus neste mundo, para ajudar os fracos, para compartilhar,

para fazer o bem. Se o dinheiro é um meio de troca, devemos usá-lo para trocar nosso antigo caráter pelo novo caráter que Jesus deseja para nós. O dinheiro deveria ser apenas mais uma forma de expressar quem somos por causa de Jesus.

QUAL DEVE SER NOSSA ABORDAGEM QUANTO AO DINHEIRO?

“O Senhor respondeu: — Quem é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor deixará encarregado dos demais servos da casa, para lhes dar o sustento no devido tempo? Bem-aventurado aquele servo a quem seu senhor, quando vier, achar fazendo assim” (Lc 12:42, 43).

Deus está procurando mordomos “fiéis” e “prudentes”, pessoas que sejam fieis em compartilhar e, ao mesmo tempo, prudentes na administração dos recursos

O problema nunca foi a prosperidade, pois fomos feitos para ser prósperos. O problema sempre foi o nosso coração.

a eles confiados. Deus deseja que sejamos canais por onde a Sua misericórdia possa fluir, pessoas que procurem ser como Ele e fiéis em segui-Lo.

O cristão fiel vê o dinheiro como um meio de servir e compartilhar. Sem esse entendimento, pode-se pensar que prosperidade é somente ganhar, sem nunca doar. O mordomo sábio administra bem o dinheiro para que Deus o multiplique, dando ainda mais ao Seu “mordomo fiel e prudente” para que ele possa compartilhar com a família de Deus. Um mordomo sábio sempre tem um orçamento, como Jesus ensina (Lc 14:28-31), e sabe como investir os recursos de Deus, como na parábola dos talentos. O mordomo cristão não depositará sua fé no dinheiro, esquecendo-se de Deus (como mencionado por Paulo); antes, colocará o reino em primeiro lugar, como Jesus ensinou no Sermão da Montanha.

PROSPERIDADE NECESSÁRIA.

Se os cristãos, por não serem egoístas, entendem que os recursos pertencem a Deus, e é por meio deles que Deus estende mãos de Jesus aos fracos, não deveriam eles ser abençoados com a prosperidade? Essas palavras não ecoam o chamado de Abraão: “Na sua descendência serão benditas todas as nações da terra” (Gn 22:18).

A prosperidade prometida por Deus deve ser compartilhada, não acumulada. Deus quer nos abençoar e Ele o fará. Mas isso não é uma barganha. Tampouco deve promover o egoísmo. É pelo bem da eternidade que Ele nos abençoará. A salvação é o propósito supremo de Deus para a nossa vida:

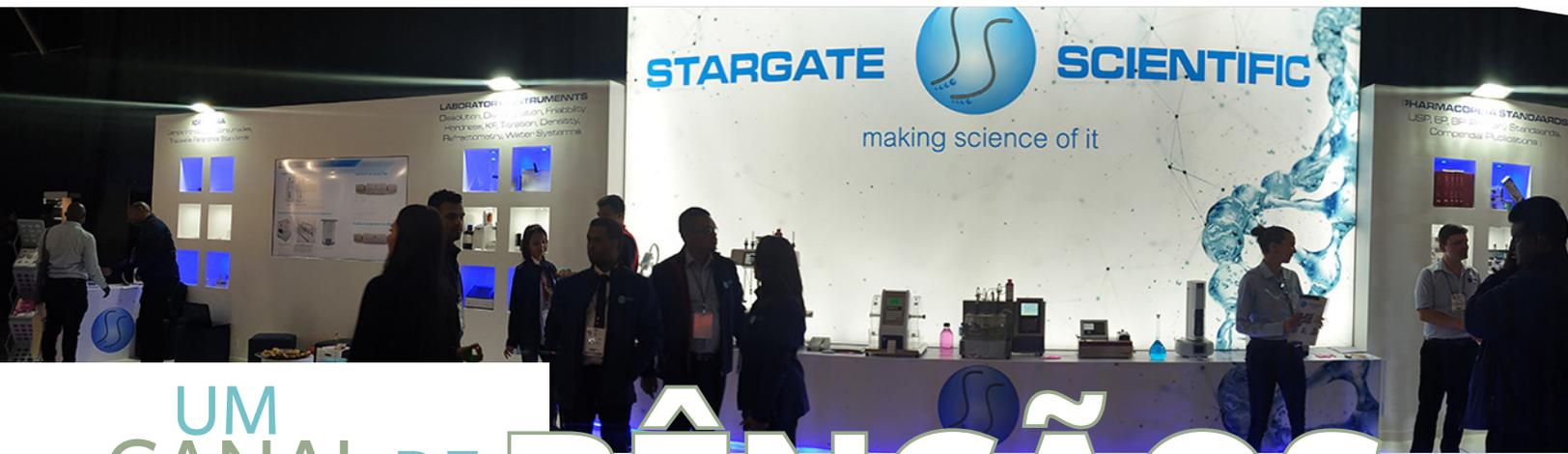
“Alguns terão cem vezes tanto nesta vida, e no mundo vindouro, a vida eterna. Mas nem todos receberão cem vezes mais nesta vida, porque não o podem suportar. Se lhes fosse confiado muito, tornar-se-iam mordomos insensatos. O Senhor o retém para o bem deles”⁴

O problema nunca foi a prosperidade, pois fomos feitos para ser prósperos. O problema sempre foi o nosso coração. E é aqui que as realidades materiais e espirituais se sobrepõem. Por meio do Espírito Santo, Cristo nos inspira a sermos doadores. É por imitarmos a Deus no exercício do amor e da generosidade que obtemos a prosperidade. É por sermos uma bênção para os outros que somos igualmente abençoados. Somente assim é que nos tornamos “mordomos fiéis e prudentes.”⁵



Diego Barreto, é pastor ordenado da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ele tem vasta experiência como investidor profissional com experiência internacional, certificação na área econômica e de planejamento financeiro.

1. Patrick J. Welch e Gerry F. Welch, *Economics: Theory and Practice* (United Kingdom: Wiley, 200), p. 204.
2. Clive Staples Lewis, *The Four Loves* (United Kingdom: Harcourt, Brace, 1960), p. 1373
3. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), p. 192.
4. Ellen G. White, *Conselhos sobre Mordomia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 142.



UM CANAL DE BÊNÇÃOS

QUEM É CHRIS NAIDOO?

Nasci em Durban, África do Sul, caçula de três irmãos de uma família da classe operária. Tivemos uma infância feliz, mas as coisas mudaram quando meu pai precisou se mudar para Johannesburgo em busca de emprego. Um ano depois, quando eu tinha 8 anos, o resto da família se mudou para lá. Foi uma adaptação e tanto para mim. Minha escola era predominantemente muçulmana. Nunca me saí muito bem na escola primária. Eu falava baixo e era muito tímido. Meus professores deixaram claro que não tinham muita fé em meu futuro. Naqueles anos, a África do Sul era racialmente segregada, e eu cresci em um bairro muçulmano chamado Azaadville. Estávamos entre os poucos não muçulmanos da região e, como tal, nos destacávamos. Foi nos esportes como o futebol e críquete que eu encontrei refúgio, e isso era tudo o que me interessava naquela época.

COMO VOCÊ ACEITOU A JESUS E DECIDIU SE FILIAR À IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA?

Meus pais eram adventistas, mas se afastaram da igreja quando nos mudamos para Johannesburgo. Alguns anos depois, quando eu estava no início da minha adolescência, minha mãe encontrou uma velha amiga da igreja no supermercado local, e ela pergun-

tou qual era a igreja que minha mãe frequentava. Minha mãe ficou um pouco envergonhada com a pergunta, mas a mulher insistiu e perguntou sobre os filhos e se ela poderia nos buscar para ir à igreja. Naquela mesma semana, meus irmãos e eu começamos a frequentar igreja, onde fomos muito bem recebidos. Uma família de quatro irmãos, com suas respectivas esposas, dedicava bastante tempo para estar conosco.

Os anos foram passando, e todas as semanas fomos à igreja. Um dos destaques da minha vida espiritual foi quando terminei o ensino médio e fui estudar em Durban por um ano. Este foi o início de uma verdadeira caminhada com Cristo. Eu chegava à igreja antes mesmo que abrissem os portões. Mal podia esperar o início do sábado. Gostava de estudar a lição da Escola Sabatina e fazia questão de participar das discussões com atenção e entusiasmo. Durante alguns anos, namorei uma jovem da igreja. Infelizmente, ela morreu em um acidente automobilístico cerca de dois meses antes da data marcada para o nosso casamento. Passei muito tempo perguntando a Deus por que essa tragédia havia acontecido, mas havia apenas silêncio. Demorei para superar tudo aquilo e decidi passar a frequentar outra igreja. Depois de algum tempo, conheci uma adorável jovem que agora é minha esposa, e nos casamos dois anos depois.

Embora eu fosse um dos líderes da igreja, meu relacionamento com Cristo não era tão sólido quanto eu pensava. Meu cristianismo era amplamente baseado em informações de segunda mão. Certa vez, fui convidado a acompanhar um membro leigo para um estudo bíblico, e adorei aquilo. Silenciosamente, eu estava desejando fazer o mesmo, mas não sabia como. Comecei a orar sobre o assunto e o Senhor me concedeu várias oportunidades. De alguma maneira, eu sempre acabava encontrando velhos amigos que não via há anos, e a conversa sempre conduzia a Cristo. Eu os convidava para o grupo de estudo da Bíblia que eu dirigia. Antes que eu percebesse, estava apresentando os estudos para um grupo de 10 pessoas. Isso me forçou a estudar mais por mim mesmo. Fiquei fascinado com os estudos bíblicos. Até hoje, meu amor pelo estudo da Bíblia e por conduzir almas a Cristo continua crescendo a cada dia. O Espírito Santo falou à minha mente quando peguei a Bíblia para estudar por mim mesmo. Descobri Jesus, e minha vida nunca mais foi a mesma.

QUE LEVOU VOCÊ A SE TORNAR UM AUTÔNOMO?

Perdi meu emprego e, por vários meses, não consegui encontrar trabalho. Eu não conseguia entender por quê. Sempre fui fiel na devolução do dízimo e pensei que o Senhor cuidaria de mim. Eu tinha



experiência, e achei que não teria dificuldades para encontrar um emprego. Mas Deus tinha um plano diferente para mim. Para sobreviver, fabricava produtos para o cabelo na cozinha da minha mãe e os vendia para clientes da empresa em que trabalhei, que havia fechado. Não sei dizer como, mas o fato é que sobrevivi e consegui pagar todas as minhas contas sem deixar de devolver o dízimo, enquanto procurava um emprego permanente.

Deus abriu uma porta para mim na área de vendas. Na entrevista, eu mal pronunciei uma palavra, mas consegui o emprego! Depois de três meses, fui chamado ao escritório do meu novo chefe. Ali mesmo, meus empregadores me disseram que haviam cometido um erro e que, por causa do meu fraco desempenho nas vendas, estavam arrependidos de terem me contratado. Implorei ao meu chefe que me desse mais três meses, ainda que fosse com um salário menor. Esta foi realmente minha primeira venda bem-sucedida, pois ele atendeu ao meu pedido! Nem é preciso dizer que eu nunca mais fui chamado de volta ao escritório, e não demorou para eu me tornar um dos principais vendedores da empresa. Só posso agradecer a Deus por isso porque, olhando para trás, vejo que tive que esperar o momento e o lugar certos para que me dessem a oportunidade de entrar naquela empresa.

Isso foi na ocasião em que perdi minha futura esposa naquele trágico acidente. Eu não estava em condições emocionais

de continuar na empresa e pedi demissão. Eles foram bastante compreensivos e me pediram para abrir uma empresa para atender apenas algumas contas que eram de vital importância para eles. Acabei abrindo uma pequena empresa, a qual cresceu devagar, mas com solidez. Não era nada espetacular, mas dava para eu ganhar a vida. Eu trabalhava apenas algumas horas por semana, e com a renda gerada pela empresa, eu conseguia pagar as contas.

Não tenho medo de tempos difíceis, porque tenho o melhor Sócio que pode haver.

Lentamente, com o passar do tempo, fui ficando mais animado e a empresa cresceu. Por fim, depois que me casei, minha esposa deixou seu emprego para me ajudar a expandir o negócio. Aos poucos, a empresa foi se mostrando viável.

COMO SUA EMPRESA CRESCERU AO LONGO DO TEMPO?

Apesar das minhas responsabilidades na empresa, eu passava muitas horas dando estudos bíblicos. Deus foi bom comigo, e quanto mais tempo eu passava com Ele,

mais a empresa crescia. Certamente, participei de uma arrecadação de fundos em prol de um grande esforço evangelístico que estava sendo realizado em West Rand, nos arredores de Johannesburgo. Depois de ouvir a mensagem que estava sendo apresentada, senti a necessidade de contribuir.

Quando distribuíram os formulários, escrevi uma cifra, mas não fiquei satisfeito, pois sabia que poderia doar aquela quantia sem qualquer sacrifício. Então, acrescentei adicionei um zero no final, chegando a uma quantia que eu não tinha como – e nem podia – pagar. Quando contei para a minha esposa, ela ficou surpresa e perguntou como resolveríamos aquilo. Respondi que sentia que Deus estava nos pedindo para fazer isso.

Agradeço a Deus, no entanto, por ter me dado uma esposa cristã. A casa em que morávamos estava quase vazia. Os armários não tinham portas e levaria muito tempo até que pudéssemos deixá-la mais confortável. Mesmo assim, concordamos em manter a oferta prometida, sem ter a menor ideia sobre como a cumpriríamos. Oramos juntos sobre isso, e o Senhor proveu os meios. Com um pouco de tristeza, vendi um carro e levantei o dinheiro. Com isso, pudemos cumprir nossa promessa.

Apenas uma semana depois, fomos convidados a fazer outra contribuição à





Federação de Empresários Adventistas da África do Sul, que estava arrecadando fundos para a construção de um tipo de templo que é levantado em apenas um dia. Depois de ver Deus resolver as coisas, decidimos nos comprometer com esse novo projeto também. A partir de então, passamos a buscar oportunidades de ajudar no trabalho de Deus, e Ele, bondosamente, expandiu nossos negócios além do que jamais desejamos.

Deus foi bom comigo, e quanto mais tempo eu passava com Ele, mais a empresa crescia.

CONTE-NOS MAIS SOBRE COMO É SER UM EMPRESÁRIO CRISTÃO.

Temos um grupo de funcionários feliz. Embora nem todos sejam cristãos, a equipe sente a necessidade que temos de colocar Cristo em primeiro lugar em tudo o que fazemos. Quase nunca perdemos um funcionário. Eu acredito que até na nossa empresa, Deus nos guiava, colocando-nos em contato com as pessoas certas. Tive a honra de dar estudos bíblicos para alguns dos nossos funcionários. Muitos deles chegaram a completar a série de estudos da Voz da Profecia. Alguns até foram batizados.

Continuamos procurando oportunidades para apoiar a causa de Deus. Tivemos a alegria de plantar uma nova igreja e ajudamos várias organizações diferentes que estão empenhadas a alcançar aqueles que estão perdidos. Nunca consideramos nossas doações como despesas. É realmente uma bênção doar com sabedoria para a causa de Cristo.

Não consideramos a empresa como nossa. Com certeza, somos beneficiários da graça divina. Para nós, portanto, é um privilégio administrar esse negócio para Ele. Tudo começa com o dar – não o que você tem, mas o que Ele providenciou. Não dou a fim de receber, mas fui abençoado por meio desse processo.

COMO A SUA SOCIEDADE COM DEUS INFLUENCIA SUA MANEIRA DE FAZER NEGÓCIOS?

Não tenho medo de tempos difíceis, porque tenho o melhor Sócio que pode haver. Cristo é o verdadeiro dono da empresa, por isso sei que não preciso tomar nenhuma decisão contrária à Sua orientação. Nunca nos envolvemos em qualquer atividade que nos leve a fazer coisas que vão contra os princípios com a única finalidade de obter negócios. Honestida-

de e integridade têm sido primordiais na empresa, e é isso que ensinamos claramente a todos os nossos funcionários. Nosso sucesso não depende de favores dos humanos. Deus é o dono da empresa e foi Ele, o Deus Altíssimo, quem confiou-me os Seus negócios para que eu os administrasse. É Ele quem nos orienta sobre como tratar as pessoas. O clima que existe no escritório é, certamente, o segredo do nosso sucesso. Durante momentos difíceis, em que as empresas ao nosso redor lutam para permanecerem abertas, nós temos crescido. E sabemos que embora não sejamos perfeitos, temos sido abençoados, pois Deus está no controle dos nossos negócios do dia



a dia. Sei que sempre posso procurar o meu Chefe para pedir que Ele dê me uma folga para estudar Sua Palavra e compartilhá-la com os outros. Quando preciso despende os Seus recursos para impulsionar a Sua obra, Ele está sempre pronto a apoiar-me.

ALGO MAIS QUE QUEIRA DIZER, PARA TERMINAR?

Se há uma coisa que aprendi, é colocar Deus em primeiro lugar. Faça isso, e Ele fará muito mais do que você é capaz de imaginar. ☉



Chris Naidoo é Diretor Executivo da Stargate Scientific, uma empresa de equipamentos de laboratório com sede em Johannesburgo, África do Sul. Esta entrevista foi conduzida por Glenn Smithwick.

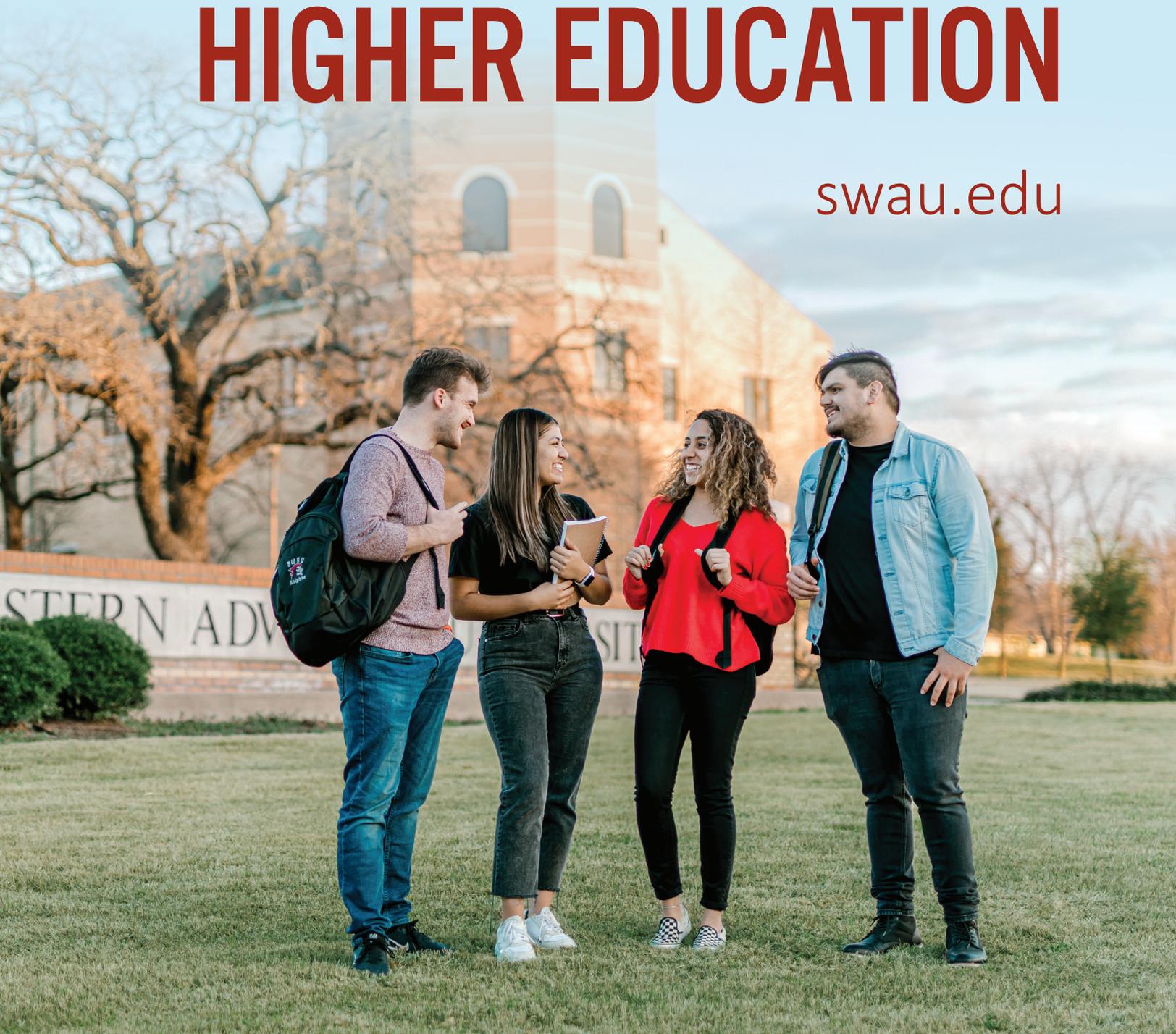


**SOUTHWESTERN
ADVENTIST UNIVERSITY**
Knowledge. Faith. Service.

Southwestern Adventist University

STEWARDS OF CHRIST-CENTERED HIGHER EDUCATION

swau.edu



O TIPO DE OFERTA MAIS NECESSÁRIO

Parte 1

em uma igreja com uma missão mundial

MARCOS FAIOCK BOMFIM

Eduardo, um dedicado membro da minha igreja em Maryland (EUA), disse: “Estou utilizando minhas ofertas para financiar o trabalho de um banco de alimentos em um país muito pobre. Em cada bolsa de comida vai um livro missionário”. Nelson, um amigo e pastor que trabalha em um país em desenvolvimento, me disse que está guardando suas ofertas em uma conta bancária especial, esperando o melhor projeto para usá-las.

Ao refletir sobre os dois casos acima, me perguntei qual seria a maneira mais eficiente de dar, usar ou distribuir “minhas” ofertas. Além disso, fiquei pensando em como explicar por que é importante dar ofertas, se já estou devolvendo o dízimo. Por que as ofertas são importantes no contexto do tempo do fim? Seria mesmo ideal trazer as ofertas regulares e sistemáticas à casa do tesouro, como fazemos com o dízimo? Se as ofertas realmente pertencem a Deus, e não a mim, é correto que seja eu quem decida como distribuí-las, ou há alguma orientação divina sobre como esses fundos devem ser distribuídos?

Este artigo, que será publicado em três partes, apresentará a diferença entre o uso do dízimo e o das ofertas na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Também explicará por que as ofertas também são cruciais, mesmo se você já estiver devolvendo o dízimo, e por que as ofertas regulares também devem ser trazidas para a casa do tesouro. Finalmente, além de mostrar como a Conferência Geral usa as ofertas, este artigo também irá sugerir uma maneira eficiente de distribuir as suas ofertas.

POR QUE DEVO DAR OFERTAS SE JÁ DEVOLVO O DÍZIMO?

Aqui estão alguns motivos pelos quais as ofertas devem ser consideradas tão importantes quanto o dízimo:

1. Assim como devolvemos o dízimo, Deus requer e espera que demos ofertas. De acordo com a Bíblia, ambos são igualmente exigidos e esperados por Deus. O fato de eu trazer um deles nunca me isentará do outro (Mt 23:23). Ellen G. White, a mensageira de Deus para os últimos dias, também é muito clara sobre esse assunto.²
2. As ofertas são uma expressão de reconhecimento e gratidão. Davi disse que todas as coisas, incluindo a minha renda ou ganho, vêm de Deus, e deve



ser dali que eu devo retirar tanto as minhas ofertas (1Cr 29:14) como o dízimo. Devo trazer a Ele as primícias, isto é, a primeira e/ou a melhor parte de toda a minha renda (Pv 3:9), demonstrando, dessa maneira, o meu reconhecimento de que Ele é a fonte de tudo o que tenho.

3. As ofertas requerem um processo de decisão mais complexo do que o dízimo. Para devolver o dízimo, só preciso decidir se acatarei ou não as claras instruções de Deus sobre o assunto (regularidade, proporção, para onde trazê-lo e como ele deve ser usado). Mas quando se trata de ofertas, há uma escolha adicional a qual eu não preciso fazer quando devolvo o dízimo, a saber, quanto vou dar.

4. As ofertas podem realizar tudo o que o dízimo não pode. Embora o dízimo seja um recurso muito importante, ele também é muito restrito e limitado em seu uso, pois só pode ser usado conforme prescrito por Deus (ver infográfico 1), isto é: para a manutenção daqueles que são nomeados, credenciados e pagos pela igreja para pregar o evangelho e suas equipes de apoio (Nm 18:21, 24).³

As ofertas, por outro lado, são consideradas irrestritas e podem ser usadas para custear quase todas as demais despesas relacionadas ao trabalho missionário em todo o mundo (ver infográfico 2). Embora constituam um fundo muito importante para a missão do tempo do fim, as ofertas atualmente representam apenas cerca de 30% das finanças da Igreja Adventista do Sétimo Dia! Imagine o quanto mais poderíamos fazer se as ofertas aumentassem. Poderíamos agilizar o mandato de Jesus para pregarmos o evangelho do reino, não apenas localmente, ou onde acreditamos que deveria ser pregado, mas “por todo o mundo, para testemunho a todas as nações” (Mt 24:14).

Embora o Senhor deva ser louvado pelo que já foi realizado na missão (ver infográficos 3 e 4), ainda é muito pouco em compa-

ração com o que nos foi ordenado fazer. Os campos estão maduros, o tempo é curto e grande é a necessidade de recursos. Quem são os obreiros que acudirão em auxílio do Senhor, investindo de maneira coordenada para salvar almas? Eu vou!



Pastor Marcos F. Bomfim é o diretor do Departamento de Mordomia Cristã da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo dia, Silver Spring, Maryland, Estados Unidos.

1. Nomes fictícios.
2. “Essa questão de dar não é deixada ao impulso. Deus nos deu instrução a esse respeito. Especificou os dízimos e ofertas como sendo a medida de nossa obrigação. E Ele deseja que demos regular e sistematicamente” (Ellen G. White, *Conselhos sobre Mordomia* [Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007], p. 50).
3. Para mais informações sobre o uso do dízimo, ver Ellen G. White, *Conselhos sobre Mordomia*, p. 65, 66, e Angel M. Rodriguez, *Stewardship Roots—Toward a Theology of Stewardship*, p. 45, 54, 55.

4. Ver *GC Working Policy (2019-2020)*, V14. (infográfico 1)
5. Projetos ou iniciativas missionárias parciais ou totalmente apoiadas por ofertas. (Infográfico 2)
6. “Um trabalho estabelecido ‘existe em um país ou região do mundo quando um ou mais dos seguintes critérios forem atendidos: (1) quando uma igreja organizada se reúne regularmente; (2) quando um posto missionário, centro de saúde ou escola está funcionando regularmente; ou (3) quando um funcionário denominacional regular, de tempo integral, estiver baseado no país ou região realizando atividades evangelísticas ou de ganhar almas por meio de unidades como Escola Sabatina, empresa organizada ou escola de idiomas. A obra adventista do sétimo dia não é considerada estabelecida em um país ou área quando é limitada a uma série de reuniões evangelísticas, trabalho colportagem não sediada ali, guardadores do sábado que moram na região, funcionários em viagem ou funcionários regulares, estudantes missionários, ou outros funcionários voluntários prestando serviço temporário” (“Report of the General Conference of Seventh-day Adventists’ 2019 Statistics,” *2020 Annual Statistical Report*, v. 2, p. 100). (Infográfico 3)
7. *Ibid.*, p. 101. (Infográfico 4)
8. *Ibid.*, p. 107. (Infográfico 4)



Infographic 3⁶



Infographic 4⁸

CONFIANÇA

UM ACELERADOR

ANIEL BARBE

Nosso chamado para uma mordomia fiel está fundamentado em razões teológicas: Deus é o proprietário e o provedor de todas as coisas boas, e nós somos Seus mordomos. No entanto, existe uma relação clara entre a percepção de confiança e responsabilidade e os percentuais de doação que se verifica entre os membros da igreja. Essa é a razão por trás da terceira entre as principais medidas tomadas pelos Ministérios de Mordomia da Associação Geral sobre responsabilidade e transparência:

Os líderes de mordomia incentivam e trabalham junto com a liderança da igreja para estabelecer um sistema de controle interno, cumprir as diretrizes do uso do dízimo, ajudar a garantir que informações financeiras regulares sejam fornecidas a todos os membros e se envolver em outras ações que contribuam para instaurar confiança.

Nosso empenho em participar no desenvolvimento de líderes e comunidades eclesiais confiáveis está enraizado tanto nas Escrituras quanto nos escritos de Ellen White. O apóstolo Paulo defende a generosidade e a solidariedade, mas também apela aos líderes da igreja para demonstrarem um alto nível de responsabilidade e confiabilidade:

Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi dada, não desanimamos. Pelo contrário, rejeitamos as coisas ocultas que trazem vergonha, não agindo com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus. E assim, pela manifestação da verdade,

nos recomendamos à consciência de todos na presença de Deus (2 Co 4:1,2).

Em 2 Coríntios 8:19-21 ele menciona explicitamente a regra de conduta apropriada para a administração das finanças: Honrar ao Senhor, servir aos outros, evitar críticas, prestar contas a Deus e prestar contas aos homens. Paulo não apenas ensinou os crentes sobre sua sagrada responsabilidade de doar, mas também que seus dons deveriam ser administrados como um depósito sagrado. Este é o princípio orientador deste material de recurso.

Ellen G. White é inflexível sobre a necessidade de confiabilidade nos que estão envolvidos no ministério:

“Os que ocupam posições de responsabilidade devem agir de maneira que as pessoas tenham firme confiança neles. Esses homens não devem ter medo de abrir à luz do dia tudo o que diz respeito à gestão da obra”.

Ela testifica sobre o efeito negativo da desconfiança nas doações dos membros da igreja. Ao mesmo tempo, adota uma posição equilibrada quando afirma que a falta de confiança não é uma justificativa aceitável para não sermos fieis nos dízimos e nas ofertas. Quando a confiança é abalada, a inclinação para doar é enfraquecida; portanto, é nossa responsabilidade remover todas as pedras de tropeço do caminho daqueles a quem lideramos.

Um estudo contemporâneo pesquisa os fatores que influenciam as doações dos cristãos nos Estados Unidos e recomenda, entre outras coisas, “transparência, responsabilidade e credibilidade instituciona-

lizada” dentro das organizações religiosas para, dessa maneira, promover um aumento nas doações. A confiança acelera a fidelidade. Isso cria uma atmosfera propícia para a doação baseada no sacrifício.

O manual *The Financial Equation of Trust, Confidence and Faithfulness* (A Equação Financeira da Confiança, Segurança e Fidelidade, em tradução livre), encomendado pelos Ministérios de Mordomia Adventista, fornece uma ferramenta para diretores de mordomia e outros que desejem ajudar a igreja local a estabelecer a confiança. Este material fornece algumas diretrizes básicas para que a igreja local cresça como uma instituição confiável. Expressamos nossa gratidão ao autor, Russell Raelly, por compartilhar conosco seu conhecimento especializado sobre como administrar as finanças da igreja em uma linguagem cativante e acessível.

Ao unirmos nossos esforços para cumprir o nosso papel como construtores de confiança, que sejamos encorajados por estas palavras do apóstolo Paulo: “Não de acordo com a sabedoria do mundo, mas de acordo com a graça de Deus” (2 Co 1:12, NVI). ◉

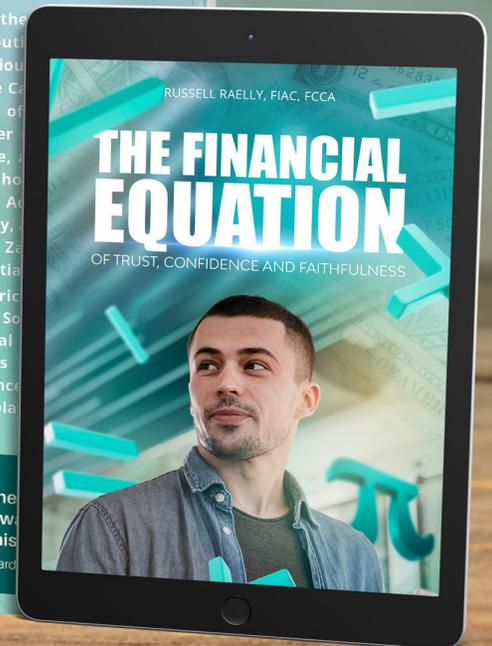
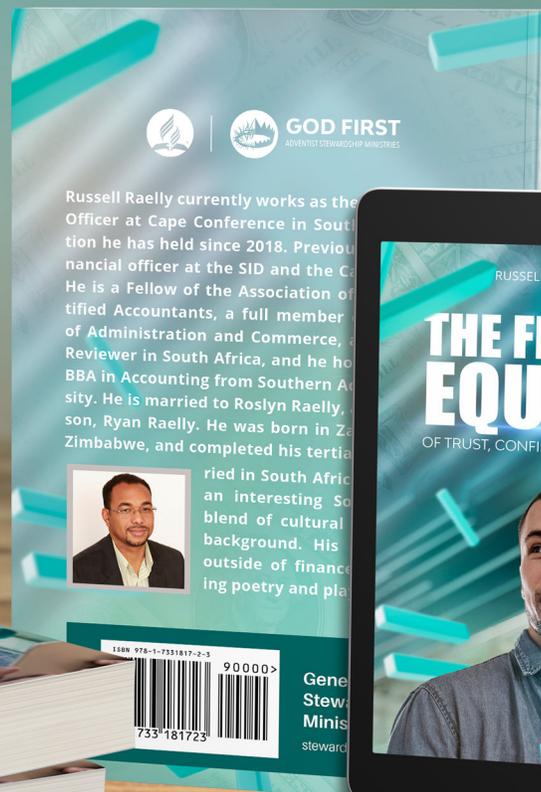
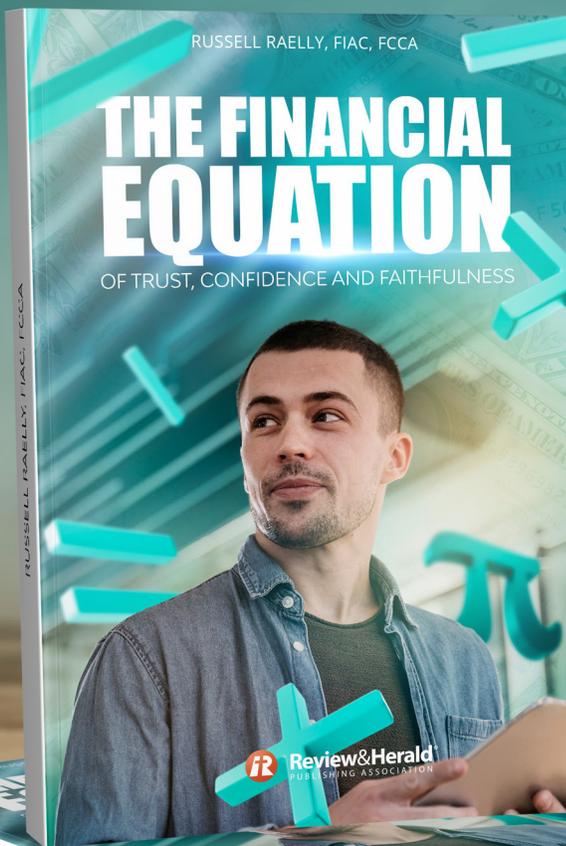


Pastor Aniel Barbe é diretor associado dos Ministérios de Mordomia e editor da revista *Mordomo Dinâmico* na Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, Silver Spring, Maryland.

1. Ellen G. White, *Manuscript Releases* (Silver Spring, Md.: Ellen G. White Estate, 1993), v. 13, p. 198.
2. *Ibid.*, p. 1-15.
3. Smith, Christian, Michael O. Emerson, e Patricia Snell. *Passing the plate: Why American Christians don't give away more money*. (Oxford University Press, 2008), p. 143.

BASED ON THE THIRD LEAD MEASURE OF THE STEWARDSHIP MINISTRIES STRATEGIC PLAN: Accountability and Transparency

Russell Raelly uses the acronym of the word “Treasurer” to explain about internal control. This manual provides a tool for stewardship educators to assist the local church in building trust.



GOD FIRST
ADVENTIST STEWARDSHIP MINISTRIES

Tithe and Offerings

DEVOTIONAL READINGS

2022



Weekly **instructional and inspirational** devotional readings that prepare every church member for **total worship**. It can be presented each week during the offertory service, shared on social media platforms, or simply inserted in the church bulletin or sabbath school quarterly.



TITHE AND OFFERINGS
READINGS DEVOTIONAL

TITHE AND OFFERINGS
READINGS DEVOTIONAL

WORSHIP HIM WHO MADE THE HEAVENS, THE EARTH,
THE SEA AND THE SPRINGS OF WATER. (REV. 14:7)

Review & Herald
PUBLISHING ASSOCIATION

 **Review & Herald**
PUBLISHING ASSOCIATION